

A vida de Magnus Bane,
o feiticeiro de *Os Instrumentos Mortais*

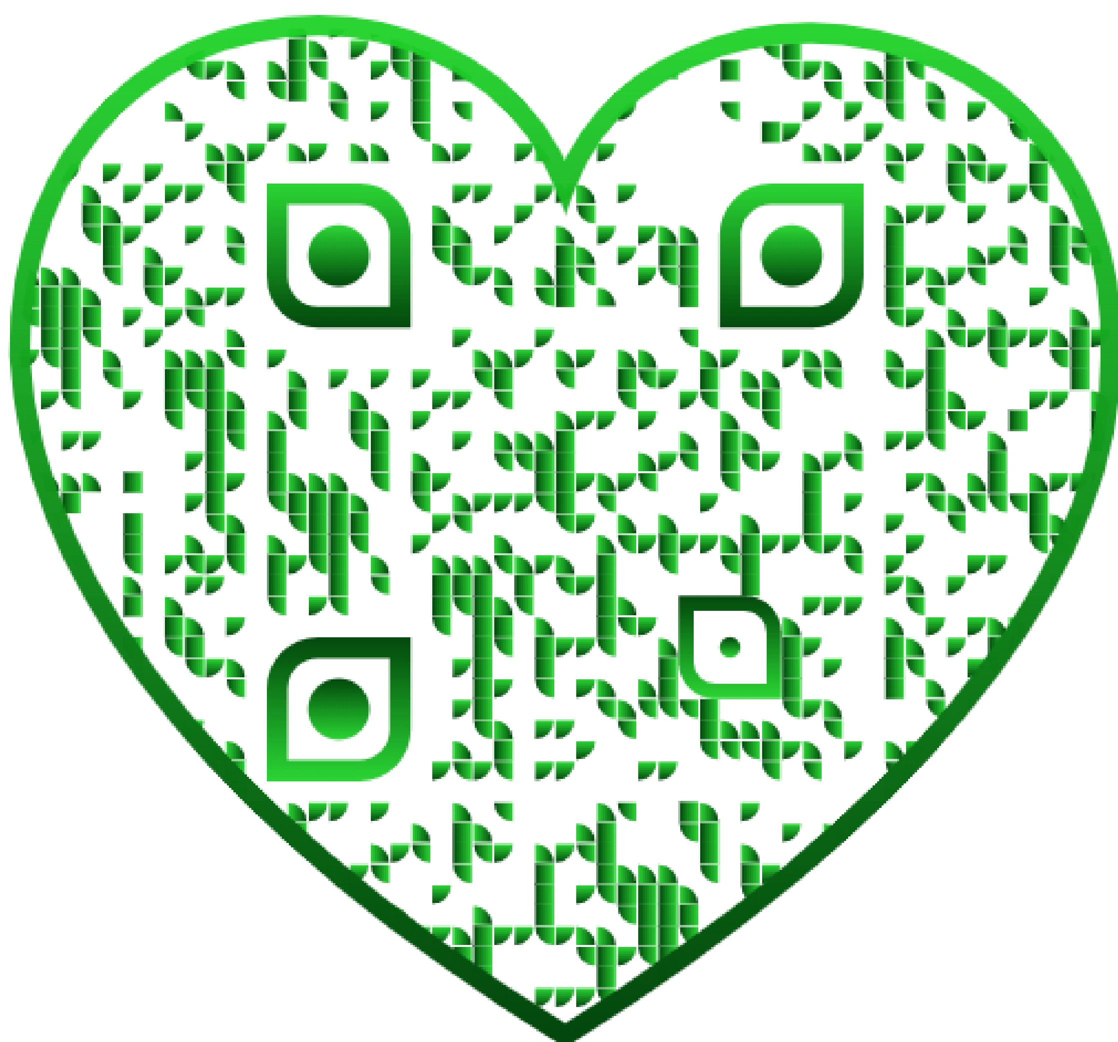
AS CRÔNICAS DE

Bane

vol. 8

O que comprar para o Caçador de Sombras que já tem tudo (mas que você não está namorando oficialmente)

CASSANDRA CLARE
e
SARAH REES BRENNAN



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Cassandra Clare
e
Sarah Rees Brennan

O que comprar para o Caçador de Sombras que já tem tudo (mas que você não está namorando oficialmente)

As Crônicas de Bane

Tradução de
Rita Sussekind

1ª edição



2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Clare, Cassandra, 1973-

C541c

As crônicas de Bane [recurso eletrônico]: o que comprar para o caçador de sombras que já tem tudo (mas que você não esta namorando oficialmente) / Cassandra Clare, Sarah Rees Brennan; tradução Rita Sussekind. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2014.
recurso digital (As crônicas de Bane; 8)

Tradução de: What to buy the shadowhunter who has everything
Sequência de: As crônicas de Bane - A queda do Hotel Dumort
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 9788501062680 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Brennan, Sarah Rees. II. Sussekind, Rita. III. Título. IV. Série.

14-14754

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

O que comprar para o Caçador de Sombras que já tem tudo (mas que você não está namorando oficialmente)

Magnus acordou com a indolente luz dourada do meio-dia entrando pela janela e o gato dormindo sobre sua cabeça.

Às vezes, Presidente Miau expressava afeição dessa forma infeliz. Magnus desemaranhou o gato do cabelo, gentil, porém, com firmeza, e as pequenas garras fizeram um estrago ainda maior quando Presidente foi deslocado com um longo choro triste de desconforto felino.

Então o gato pulou para o travesseiro, aparentemente recuperado do incômodo, e saltou da cama. Atingiu o chão suavemente e, com um grito de guerra, partiu para a vasilha de comida.

Magnus rolou na cama e ficou de lado no colchão. A janela perto da cama era de vitral. Losangos dourados e verdes pairavam sobre os lençóis, repousando calorosamente sobre sua pele nua. Ele levantou a cabeça do travesseiro que agarrava e, em seguida, percebeu o que estava fazendo: farejando o ar à procura de cheiro de café.

Aconteceu algumas vezes nas últimas semanas: Magnus cambaleou até a cozinha

seguindo o aroma forte de café, pegou um roupão de sua grande coleção e encontrou Alec ali. O feiticeiro havia comprado uma cafeteira, pois o rapaz sempre parecia ligeiramente perturbado pelo hábito de Magnus de roubar café e chá da loja The Mudd Truck. A máquina dava muito trabalho, mas Magnus ficou feliz por tê-la comprado. Alec tinha de saber que a máquina era para ele e para suas delicadas sensibilidades morais, e, perto daquela máquina, Alec parecia sentir um conforto que não sentia com mais nada; fazia café sem pedir permissão e levava uma xícara para Magnus enquanto ele trabalhava. Em todos os outros cantos do apartamento do feiticeiro, Alec ainda era cauteloso, tocava as coisas como se não tivesse direito sobre elas, como se fosse visita.

E claro que era visita. A questão era que Magnus tinha um desejo irracional de que Alec se sentisse em casa no apartamento, como se isso significasse alguma coisa, como se isso desse a Magnus algum direito sobre o rapaz, ou indicasse que Alec queria ceder tais direitos. Magnus supunha que fosse isso. Queria muito que Alec ficasse ali, e se entusiasmava com sua presença.

Contudo, ele não podia sequestrar o primogênito dos Lightwood e mantê-lo como peça de decoração. Alec tinha caído no sono duas vezes — no sofá, não na cama. Uma vez após uma lenta noite de beijos; e outra quando passou no apartamento para um rápido café, evidentemente exausto após um longo dia de caça a demônios, e adormeceu quase no mesmo instante. Magnus também passara a deixar a porta da frente aberta, afinal, ninguém roubaria o Alto Feiticeiro do Brooklyn, e Alec às vezes aparecia de manhã cedo.

Todas as vezes em que Alec apareceu — ou nas manhãs seguintes às noites em que havia dormido lá —, Magnus acordou com os barulhos e cheiros de Alec preparando café, apesar de o rapaz saber que Magnus poderia produzir café mágico do nada. Alec fez isso apenas algumas vezes, ficara por lá poucas manhãs. Não era nada a que Magnus devesse estar se acostumando.

Claro que Alec não estava ali naquele dia, porque era seu aniversário, e ele estaria com a família. E Magnus não era exatamente o tipo de namorado que se poderia levar para reuniões familiares. Aliás, por falar em reuniões familiares, os Lightwood nem sabiam que Alec tinha um namorado — quanto mais um que era feiticeiro —, e Magnus nem imaginava se um dia saberiam. Não era uma questão com a qual pressionava o rapaz. Dava para perceber pela cautela de Alec que era cedo demais.

Não havia razão para Magnus sair da cama, passar pela sala, ir à cozinha e imaginar Alec inclinado sobre a bancada, preparando café e vestindo um suéter feio, com o rosto concentrado na tarefa simples. Alec se concentrava até mesmo no café. *E sempre veste suéteres realmente feios*, Magnus pensou, e ficou espantado quando este pensamento lhe trouxe uma onda de afeto.

Não era culpa dos Lightwood. Era óbvio que davam à irmã de Alec, Isabelle, e a Jace Wayland dinheiro suficiente para que se vestissem bem. Magnus suspeitava que a mãe de Alec comprasse suas roupas, ou que Alec fizesse isso segundo o critério da praticidade — *ah, veja, que bonito; cinza disfarça um pouco o icor* —, e aí ele vestia as roupas feias e funcionais sem sequer notar que o tempo as desgastava ou que esgarçavam e ficavam com buracos.

A contragosto, Magnus se deparou com um sorriso curvando seus lábios enquanto procurava a caneca de café azul que dizia MELHOR QUE GANDALF com letras brilhantes. Estava apatetado e oficialmente revoltado consigo mesmo.

Podia estar apatetado, mas hoje tinha outras coisas em que pensar além de Alec. Uma empresa mundana o contratara para invocar um demônio cecaelia. Pela quantia que estavam pagando, e considerando que demônios cecaelia são demônios inferiores que mal podiam causar grandes comoções, Magnus concordou em não fazer perguntas. Bebericou o café e contemplou a roupa para o dia de invocação de demônio. Invocações não eram coisas que Magnus realizava com frequência, pois, do ponto de vista técnico, eram extremamente ilegais. Magnus não nutria grande respeito pela Lei, mas, se fosse transgredi-la, queria estar bonito enquanto fazia isso.

Seus pensamentos foram interrompidos pelo som do interfone. Não tinha deixado a porta aberta para Alec hoje e ergueu as sobrancelhas ao ouvir o ruído. A Srta. Connor estava vinte minutos adiantada.

Magnus desgostava profundamente de pessoas que chegavam mais cedo às reuniões de negócio. Isso era tão grave quanto se atrasar, pois desestruturava todo mundo, e, o que é pior, pessoas que chegavam adiantadas agiam com grande superioridade no que se refere às péssimas habilidades com horários. Elas agiam como se fosse moralmente mais correto acordar cedo do que dormir tarde, mesmo que você realizasse exatamente a mesma quantidade de trabalho no mesmo período de tempo. Magnus considerava esta uma das grandes injustiças da vida.

Era possível que ele estivesse um pouco contrariado por não terminar o café antes de precisar cuidar do trabalho.

Abriu a porta para a representante da empresa. A Srta. Connor era uma mulher de trinta e poucos anos, cuja aparência fazia jus ao nome irlandês. Tinha cabelos cheios e ruivos, presos em um coque, e o tipo de pele branca impenetrável que Magnus apostaria que era incapaz de bronzear. Trajava um *tailleur* azul quadradão, porém bonito, e olhou de soslaio para a roupa do feiticeiro.

Esta era a casa de Magnus, ela havia chegado mais cedo, e ele se sentia totalmente no direito de não estar vestindo nada além de uma calça de pijama preta de seda com uma estampa de tigres e flamingos dançando. Percebeu que a calça estava um pouco caída nos quadris e a levantou. Viu o olhar reprovador da Srta. Connor deslizar por seu peito nu e repousar na pele lisa e morena do local onde

deveria haver um umbigo. A marca do Demônio, seu padrasto dizia, mas dizia o mesmo a respeito dos olhos de Magnus. Há muito não ligava a mínima para o julgamento dos mundanos.

— Caroline Connor — disse a moça. Não estendeu a mão. — Diretora financeira e vice-presidente de marketing das Empresas Sigblad.

— Magnus Bane — respondeu Magnus. — Alto Feiticeiro do Brooklyn e campeão de palavras cruzadas.

— Você foi muito recomendado. Ouvi dizer que é um mago muito poderoso.

— Feiticeiro — disse Magnus — para falar a verdade.

— Esperava que você fosse...

Ela parou como alguém que analisasse uma seleção de chocolates sobre os quais tinha muitas dúvidas. Magnus ficou imaginando qual escolheria, qual usuário confiável de magia ela estivera imaginando ou torcendo para encontrar — velho, barbado, caucasiano. Magnus havia encontrado muitas pessoas que buscavam um sábio. Estava com pouquíssimo tempo para isso.

Mesmo assim, precisava admitir que esta não era a postura mais profissional que já tivera.

— Esperava que eu estivesse, talvez — sugeriu gentilmente —, de camisa?

A Srta. Connor deu de ombros suavemente.

— Todos me disseram que você faz escolhas excêntricas no que se refere à moda, mas tenho certeza de que seu penteado é bastante *fashion* — respondeu ela. — Mas, francamente, parece que um gato dormiu na sua cabeça.

Magnus ofereceu um café a Caroline Connor, que ela recusou. Só aceitou um copo d’água. Ele estava cada vez mais desconfiado da mulher.

Quando Magnus surgiu do quarto vestindo calça de couro vermelha e um casaco brilhante com gola larga, acompanhada por um pequeno cachecol elegante, Caroline o olhou com uma distância fria que sugeriu que ela não considerou aquilo uma grande melhora em relação à calça do pijama. Magnus já aceitara o fato de que jamais haveria uma amizade eterna entre eles, e não se chateou com isso.

— Então, Caroline — começou.

— Prefiro “Srta. Connor” — pediu a mulher, empertigada na beiradinha do sofá de veludo dourado de Magnus.

Ela olhava para os móveis com o mesmo ar de reprovação conferido ao peito nu de Magnus, como se achasse algumas estampas interessantes e um abajur com sinos o equivalente a uma orgia romana.

— Srta. Connor. — Magnus se corrigiu tranquilamente.

O freguês sempre tem razão, e essa seria sua política até o serviço terminar, e então ele se recusaria a voltar a trabalhar para essa empresa por toda a eternidade.

Ela retirou um documento da maleta, um contrato em uma capa verde, que passou para Magnus ver. O feiticeiro já havia assinado outros dois contratos na última semana, um em um tronco de árvore nas profundezas de uma floresta alemã sob a luz da lua nova, e outro com o próprio sangue. Mundanos eram tão excêntricos.

O feiticeiro o examinou. Invocação de demônio menor, propósito misterioso, uma quantia obscena de dinheiro. Certo, certo e certo. Assinou e devolveu com um floreio.

— Bem — disse a Srta. Connor, cruzando as mãos sobre o colo. — Gostaria de ver o demônio agora, por favor.

— Demora um pouco para preparar o pentagrama e o círculo de invocação — explicou Magnus. — Talvez seja melhor se acomodar.

A mulher pareceu espantada e insatisfeita.

— Tenho uma reunião na hora do almoço — observou. — Não pode acelerar o processo?

— Hum, não. Isso é magia negra, Srta. Connor — respondeu Magnus. — Não é o mesmo que pedir uma pizza.

A boca da Srta. Connor se contraiu como um pedaço de papel que fora dobrado ao meio.

— Seria possível que eu voltasse daqui a algumas horas?

A convicção de Magnus de que pessoas que se adiantavam para reuniões não respeitavam o tempo dos outros estava se confirmando. Por outro lado, não queria que aquela mulher permanecesse em sua casa por mais tempo que o estritamente necessário.

— Pode ir — respondeu ele, mantendo a voz urbana e charmosa. — Quando voltar, haverá um demônio cecaelia pronto para que faça dele o que quiser.

— Casa Bane — murmurou Magnus, enquanto a Srta. Connor se retirava, com a voz não tão baixa a ponto de garantir que ela não fosse escutar. — Demônios quentes e frios, ao seu dispor.

Não tinha tempo a perder se sentando e se irritando. Havia trabalho a fazer. Magnus começou a arrumar seu círculo de velas negras. Dentro do círculo, desenhou um pentagrama, utilizando um graveto recém-partido por mãos de fadas. O processo todo durou algumas horas até que ele estivesse pronto para começar a entoar seus cânticos.

— *Iam tibi impero et praecipio, maligne spiritus!* Eu o invoco, pelo poder do sino, do livro e da vela. Invoco-o do vazio, das mais escuras profundezas. Eu o invoco, Elyaas, que nada nos mares da meia-noite das almas que se afogam

eternamente, Elyaas, que vive às sombras que cercam Pandemônio, Elyaas, que se banha em lágrimas e brinca com os ossos dos marinheiros perdidos.

Magnus entoou as palavras, tamborilando com as unhas na caneca de café e examinando o esmalte, verde e lascado. Tinha orgulho do seu trabalho, mas esta não era a parte favorita, este não era o cliente favorito, e este não era o dia para isso.

A madeira dourada do chão da casa de Magnus começou a soltar fumaça, e a fumaça que subia tinha cheiro de enxofre. Mas a fumaça se erguia em tufos escuros. Magnus sentiu uma resistência ao puxar o demônio para perto de si, como um pescador puxando uma linha e prendendo um peixe que lutava.

Estava cedo demais naquela tarde para isso. Magnus falou com a voz mais alta, sentindo o poder se erguer dentro dele enquanto entoava, como se seu sangue estivesse pegando fogo e provocasse faíscas do centro de seu ser para o espaço entre os mundos.

— Como o destruidor de Marbas, eu o invoco. Eu o invoco como filho do demônio que pode fazer seus mares secarem e criarem o deserto. Eu o invoco por meu próprio poder e pelo poder de meu sangue, e você sabe quem é meu pai, Elyaas. Não vai, não ousará me desobedecer.

A fumaça se ergueu cada vez mais, tornou-se um véu, e, além do véu, por um instante Magnus enxergou outro mundo. Então a fumaça se tornou espessa demais para que fosse possível enxergar através dela. Magnus teve de esperar que diminuísse e adquirisse forma — não era exatamente a forma de um homem.

Magnus já tinha invocado muitos demônios nojentos na vida. O demônio amphisbaena tinha as asas e o tronco de uma galinha enorme. Contos mundanos alegavam que ele tinha a cabeça e a cauda de uma cobra, mas isso não era verdade. Demônios amphisbaena eram cobertos por tentáculos, e um dos tentáculos grandes continha um olho e uma boca com presas afiadas. Magnus entendia como a confusão tinha começado.

Os amphisbaena eram os piores, mas demônios cecaelia também não eram os preferidos de Magnus. Não tinham aparência agradável e espalhavam gosma por todo o chão.

Antes de mais nada, Elyaas era disforme. A cabeça era ligeiramente semelhante à de um homem, mas com os olhos verdes muito juntos no centro da face, e um corte triangular servindo como nariz e boca. Ele não tinha braços. O torso era abruptamente truncado, e as partes inferiores lembravam as de uma lula, com tentáculos espessos e curtos. E, da cabeça aos tentáculos, ele era coberto por gosma preta-esverdeada, como se tivesse vindo de um pântano fétido e, de cada poro, exalasse putrefação.

— Quem invoca Elyaas? — perguntou, sua voz masculina soava normal, até alegre, com uma leve indicação de estar sendo ouvida embaixo d’água. Era possível

que assim fosse por ele estar com a boca cheia de gosma. Magnus viu a língua do demônio, semelhante a de um humano, mas verde e com a extremidade grossa, tremer entre os dentes afiados e manchados de visco enquanto ele falava.

— Eu — respondeu Magnus. — Mas acho que isso já foi esclarecido quando o invoquei e você se mostrou teimoso.

Ele falava alegremente, mas a chama azul e branca das velas reagiu ao seu humor e se contraiu, formando uma jaula de luz em torno de Elyaas que o fez uivar. Sua gosma não produzia qualquer efeito sobre o fogo.

— Ora, vamos! — resmungou Elyaas. — Não fique assim! Eu estava a caminho. Fui retido por algumas questões pessoais.

Magnus revirou os olhos.

— O que estava fazendo, demônio?

Elyaas pareceu esquivo, até onde se podia perceber sob a gosma.

— Tive uma coisa. Então, como tem passado, Magnus?

— O quê? — perguntou o feiticeiro.

— Você sabe, desde a última vez em que me invocou. Como tem andado?

— O quê? — perguntou Magnus novamente.

— Não se lembra de mim? — perguntou o demônio de tentáculos.

— Invoco muitos demônios — respondeu Magnus, em voz baixa.

Fez-se uma longa pausa. Magnus ficou olhando para o fundo da xícara de café e desejou desesperadamente que mais café aparecesse. Isso era algo que muitos mundanos faziam, mas Magnus tinha vantagem sobre os demais. Sua caneca se encheu lentamente outra vez, até estar cheia do líquido rico e escuro. Ele tomou pequenos goles e olhou para Elyaas, que oscilava pouco à vontade entre um tentáculo e outro.

— Bem — disse Elyaas. — Isso é constrangedor.

— Não é nada pessoal — respondeu Magnus.

— Talvez se eu refrescasse sua memória — sugeriu Elyaas bem-intencionado. — Você me invocou quando estava procurando um demônio que amaldiçoou um Caçador de Sombras. Bill Herondale?

— Will Herondale. — Magnus corrigiu.

Elyaas estalou os tentáculos como se fossem dedos.

— Eu sabia que era algo assim.

— Sabe — disse Magnus, esclarecido —, acho que lembro. Desculpe-me por aquilo. Percebi logo de cara que você não era o demônio que eu queria. Você parecia meio azul em um dos desenhos, mas obviamente não é azul, e eu estava desperdiçando seu tempo. Você foi bastante compreensivo.

— Não se preocupe — Elyaas acenou um tentáculo. — Essas coisas acontecem. E posso parecer azul. Sabe, na luz certa.

— A luz faz diferença, isso é verdade — comentou Magnus.

— Então, o que aconteceu com Bill Herondale e com aquela maldição que o demônio azul lançou sobre ele? — O interesse do demônio cecaelia pareceu verdadeiro.

— *Will* Herondale — repetiu Magnus. — Na verdade, é uma história muito longa.

— Sabe, às vezes nós, demônios, fingimos que estamos amaldiçoando alguém, e não amaldiçoamos de fato — disse Elyaas, em tom de conversa. — Digo, por diversão. É algo que fazemos. Sabia disso?

— Podia ter mencionado isso há um ou dois séculos — observou Magnus friamente.

Elyaas balançou a cabeça e deu um sorriso viscoso.

— A velha falsa maldição. É um clássico. Muito engraçado. — Ele pareceu notar a expressão nada impressionada de Magnus pela primeira vez. — Não pela sua perspectiva, é claro.

— Não teve graça nenhuma para Bill Herondale! — respondeu Magnus. — Maldição. Agora eu também estou falando errado.

O telefone de Magnus vibrou na bancada, onde ele o havia deixado. Magnus mergulhou para ele e ficou feliz ao ver que era Catarina. Estava esperando sua ligação.

Então percebeu que o demônio o fitava, curioso.

— Desculpe — disse Magnus. — Importa-se se eu atender?

Elyaas acenou um tentáculo.

— Ah, não, fique à vontade.

Magnus apertou o botão para atender, e foi em direção à janela, para longe do demônio e da fumaça sulfurosa.

— Oi, Catarina! — disse Magnus. — Fico muito feliz que finalmente tenha retornado minha ligação.

Talvez tenha colocado uma ligeira ênfase em “finalmente”.

— Só liguei porque você falou que era urgente — respondeu a amiga Catarina, que era, em primeiro lugar, uma enfermeira e, em segundo, uma feiticeira. Magnus achava que ela não saía em um encontro romântico havia quinze anos. Antes disso ela teve um noivo com quem pretendera casar, mas nunca conseguia tempo, e ele, um dia, morreu de velhice, ainda na esperança de que fossem marcar uma data.

— É urgente — disse Magnus. — Você sabe que tenho, bem, andado com um dos Nephilim do Instituto de Nova York.

— Um Lightwood, certo? — perguntou Catarina.

— Alexander Lightwood — respondeu Magnus, e ficou um pouco horrorizado ao ouvir a própria voz suavizar ao dizer o nome.

— Não achei que tivesse tempo para isso, com tanta coisa acontecendo.

Era verdade. A noite em que Magnus conheceu Alec foi uma noite em que ele apenas queria dar uma festa, se divertir, desempenhar o papel de feiticeiro alegre, até, de fato, se sentir alegre. Lembrou-se de como, no passado, em determinadas épocas, sentia um desejo inquieto de ter um amor, e começava a procurar possibilidades em estranhos bonitos. Por alguma razão, dessa vez, não aconteceu. Tinha passado os anos de 1980 em uma nuvem de tristeza, pensando em Camille, a vampira que amou mais de um século antes. Ele não amava ninguém e nem tinha o amor correspondido desde Etta, nos anos 1950. Etta já estava morta havia anos, e o abandonara antes de morrer. Desde então teve casos, é claro, amantes que o decepcionaram ou que ele decepcionou, faces as quais mal se lembrava hoje, centelhas que piscaram e se apagaram mesmo antes de ele se aproximar.

Não deixara de desejar o amor. Simplesmente, por alguma razão, parara de procurar.

Ficou imaginando se poderia estar exausto sem saber, se a esperança poderia se perder não de uma vez, mas desaparecer gradualmente, dia após dia, e desaparecer antes de você perceber.

Então Clary Fray aparecera na festa, a menina cuja mãe vinha lhe escondendo a herança Nephilim por toda a vida. Clary fora levada a Magnus para que ele alterasse sua memória e bloqueasse sua visão diversas vezes enquanto crescia, e Magnus sempre o fez. Não era algo gentil a se fazer com uma menina, mas a mãe temia tanto pela filha que Magnus não foi capaz de recusar. No entanto, o feiticeiro não conseguiu deixar de desenvolver um interesse pessoal. Ver uma criança crescer, ano após ano, foi uma novidade para ele, assim como o peso das lembranças da menina em suas mãos. Tinha começado a se sentir um pouco responsável, quis saber o que aconteceria com ela, e passou a desejar o melhor para a criança.

Magnus se interessava por Clary, a menininha ruiva que cresceu e se tornou... uma menininha ruiva um pouquinho maior, mas não achou que se interessaria pelos amigos dela. Não pelo menino mundano; não pelo garoto de olhos dourados, Jace Wayland, que lembrava muito um passado que Magnus preferia esquecer; e certamente não pelos irmãos Lightwood, o menino e a menina morenos, de cujos pais Magnus tinha bons motivos para não gostar.

Não fez o menor sentido o fato de que seus olhos fossem atraídos incessantemente por Alec. Alec estava no fundo do grupo, não fez qualquer esforço para chamar atenção. Tinha tons belíssimos, a rara combinação de cabelos negros e olhos azuis que sempre foi a preferida de Magnus, e o feiticeiro concluiu que foi por isso que olhou em primeiro lugar para ele. Era estranho ver a combinação de cores que tanto se destacara em Will e sua irmã, muito tempo antes, tão longe, e em alguém com um sobrenome completamente diferente...

Então Alec sorriu ao ouvir uma das piadas de Magnus, e o sorriso iluminou seu

rosto sério, deixando os olhos azuis brilhantes e, por um instante, tirando o fôlego de Magnus. E, quando a atenção de Magnus foi capturada, ele viu uma faísca de interesse nos olhos do rapaz; era uma mistura de culpa, confusão e prazer com a atenção de Magnus. Caçadores de Sombras eram antiquados nesses assuntos; em outras palavras, eram bitolados e limitados, como em todos os aspectos da vida. Magnus já havia sido abordado por Caçadores de Sombras do sexo masculino, é claro, mas sempre de modo discreto, sempre como se estivessem fazendo um grande favor ao feiticeiro, como se o toque dele, apesar de desejado, maculasse (Magnus sempre os rejeitou). Foi um choque ver esses sentimentos tão abertos e inocentes no rosto de um menino lindo.

Quando Magnus deu uma piscadela para Alec e pediu que ele telefonasse, tinha sido um impulso, pouco mais que um capricho. Certamente não esperava receber o Caçador de Sombras em sua casa alguns dias depois, convidando-o para sair. Tampouco esperou que o encontro fosse tão incrivelmente bizarro, ou que fosse gostar tanto de Alec depois.

— Alec me surpreendeu — disse Magnus a Catarina, afinal, o que era um grande eufemismo, e tão verdadeiro que parecia uma revelação exagerada.

— Bem, me parece uma ideia louca, mas ideias loucas normalmente funcionam para você — argumentou Catarina. — Qual é o problema?

Essa era a pergunta de um milhão de dólares. Magnus resolveu soar casual a respeito. Não era algo com que deveria estar tão preocupado quanto estava, e queria conselhos, mas não queria que ninguém, nem mesmo Catarina, soubesse o quanto importava.

— Que bom que perguntou. Eis a questão — respondeu Magnus. — Hoje é o aniversário de Alec. Ele completa 18 anos. E eu gostaria de dar a ele um presente, pois a comemoração de um aniversário é uma época tradicional para presentear o aniversariante e indica que você sente afeto pela pessoa. E vale ressaltar que eu gostaria que você tivesse retornado a ligação mais cedo, não tenho ideia do que dar, e seria bom receber alguns conselhos. A questão é que ele não liga muito para bens materiais, inclusive roupas, coisa que não entendo, apesar de achar estranhamente charmoso. É impossível comprar algo para ele. As únicas coisas com as quais eu o vejo são armas, e nunchakus não são um presente romântico. Além disso, fiquei pensando se você acha que presenteá-lo pode me fazer parecer muito ansioso e espantá-lo. Estamos saindo há pouco tempo, e os pais dele nem sabem que ele gosta de meninos, quanto mais de feiticeiros degenerados, então, quero ser discreto. Talvez dar presente seja um erro. É possível que ele me ache intenso demais. E como você sabe, Catarina, não sou intenso. Deixo as coisas acontecerem. Sou um sofisticado entediado. Não quero que ele tenha a impressão errada a meu respeito ou pense que o presente significa mais do que deveria. Talvez apenas uma lembrança. O que você

acha?

Magnus respirou fundo. Tinha soado um pouco menos relaxado, calmo, sensato e sofisticado do que gostaria.

— Magnus — concluiu Catarina —, tenho vidas a salvar.

E desligou.

Magnus ficou olhando, incrédulo, para o telefone. Jamais imaginaria que Catarina fosse fazer isso com ele. Parecia crueldade pura. Ele não tinha soado tão mal ao telefone.

— Alec é seu amante? — perguntou Elyaas, o demônio de tentáculos.

Magnus o encarou. Não estava pronto a ouvir ninguém dizer a ele a palavra "amante" com um chiado gosmento. Acreditava que jamais estaria pronto para isso.

— Deveria gravar uma fita K7 para ele — declarou Elyaas. — Jovens adoram fitas. São "a" coisa legal do momento.

— A última vez em que o invocaram foi durante os anos 1980? — perguntou Magnus.

— Pode ter sido — respondeu Elyaas defensivamente.

— As coisas mudaram.

— As pessoas ainda ouvem Fleetwood Mac? — perguntou o demônio de tentáculos, e sua voz tinha um tom melancólico. — Eu adoro o Mac.

Magnus ignorou o demônio, que havia começado a cantar suavemente uma música gosmenta para si próprio, e contemplou o próprio destino sombrio. Tinha de aceitá-lo. Não havia mais a quem recorrer.

Teria de ligar para Ragnor Fell e pedir conselhos sobre sua vida afetiva.

Ultimamente Ragnor vinha passando muito tempo em Idris, a cidade de vidro dos Caçadores de Sombras, onde telefones, televisão e internet não funcionavam, e onde Magnus imaginava que os escolhidos do Anjo precisavam recorrer a xilogravuras pornográficas quando queriam relaxar após um estressante dia de caça a demônios. Ragnor havia utilizado seus poderes mágicos para instalar um telefone, mas não se podia esperar que ele passasse o dia perto do aparelho. Por isso Magnus ficou imensamente agradecido quando o telefone de Ragnor tocou e o feiticeiro atendeu.

— Ragnor, graças a Deus! — exclamou.

— O que foi? — perguntou Ragnor. — É Valentim? Estou em Londres, e Tessa está na Amazônia, onde não há como contatá-la. Certo. Deixe-me resolver depressa. Você liga para Catarina, e eu os encontro em...

— Ah — disse Magnus. — Não há necessidade disso. Mas muito obrigado por se

oferecer para me salvar imediatamente, meu príncipe esmeralda.

Fez-se uma pausa. Então Ragnor perguntou, com uma voz muito menos tensa e muito mais resmungona:

— Então por que está me incomodando?

— Bem, preciso de um conselho — explicou Magnus. — Por isso recorri a você, que é um dos meus amigos mais antigos e queridos, além de feiticeiro e camarada de fé, antigo Alto Feiticeiro de Londres, em quem confio plenamente.

— Elogios vindos de você me deixam nervoso — afirmou Ragnor. — Significam que quer alguma coisa. Sem dúvida, algo terrível. Não vou me tornar pirata com você outra vez, Magnus. Não importa o quanto me pague para isso.

— Não ia sugerir isso. Minha pergunta é... de uma natureza mais pessoal. Não desligue, Catarina já não foi nada solidária.

Fez-se um longo silêncio. Magnus ficou mexendo no trinco da janela, olhando para a fila de depósitos transformados em apartamentos. Cortinas de renda esvoaçavam com a brisa de verão em uma janela aberta do outro lado da rua. Ele tentou ignorar o reflexo do demônio na própria janela.

— Espere — disse Ragnor, e começou a se irritar. — É sobre o *namorado* Nephilim?

— Nossa relação ainda não está definida assim... — respondeu Magnus, com dignidade. Em seguida, agarrou o fone e sibilou: — ... e como você sabe sobre detalhes pessoais da minha vida íntima com Alexander?

— Ahhh, *Alexander*! — Ragnor entoou com uma voz melódica. — Eu sei de tudo. Raphael me ligou e me contou.

— Raphael Santiago — disse Magnus, pensando sombriamente sobre o atual líder do clã de vampiros de Nova York — tem um coração sombrio e ingrato, e um dia será punido por suas traições.

— Raphael me liga todo mês — disse Ragnor. — Ele sabe que é importante preservar boas relações e manter uma comunicação entre as diferentes facções do Submundo. E devo acrescentar que sempre se lembra de ocasiões importantes na minha vida.

— Esqueci seu aniversário uma vez há 60 anos! — rebateu Magnus. — Você precisa superar isso.

— Foi há 58 anos, só para constar. E Raphael sabe que devemos manter uma frente unida contra os Nephilim, e não, por exemplo, sair por aí com seus filhos menores de idade — continuou Ragnor.

— Alec tem 18 anos!

— Que seja — disse Ragnor. — Raphael jamais sairia com um Caçador de Sombras.

— Claro, por que sairia, quando vocês dois estão apaixonaaaaados? — perguntou

Magnus. — “Ah, Raphael é sempre tão profissional”, “Ah, Raphael levantou questões muito importantes na reunião em que você não foi”, “Ah, Raphael e eu estamos planejando nos casar em junho”. Além disso, Raphael jamais sairia com um Caçador de Sombras porque ele tem uma política de não fazer nada incrível.

— Símbolos de energia não são as únicas coisas que importam na vida — disse Ragnor.

— Palavras de alguém que desperdiça a própria — retrucou Magnus. — E, de qualquer forma, não é... Alec é...

— Se você me contar sobre seus sentimentos melosos por um dos Nephilim, vou ficar duas vezes mais verde e passar mal — disse Ragnor. — Estou avisando desde já.

Duas vezes mais verde soou interessante, mas Magnus não tinha tempo a perder.

— Tudo bem. Só me dê um conselho prático — pediu. — Devo comprar para ele um presente de aniversário? E, nesse caso, o quê?

— Acabei de lembrar que tenho um assunto muito importante para tratar — disse Ragnor.

— Não! — gritou Magnus. — Espere. Não faça isso. Eu confiei em você!

— Sinto muito, Magnus, mas a ligação vai cair.

— Talvez um suéter de caxemira? O que você acha de um suéter?

— Ops, túnel — disse Ragnor, e o barulho da linha telefônica ecoou no ouvido de Magnus.

Magnus não sabia por que todos os seus amigos imortais precisavam ser tão insensíveis e terríveis. O assunto importante de Ragnor provavelmente era encontrar Raphael para escrever um diário com observações amargas sobre os conhecidos. Magnus podia imaginá-los agora, compartilhando um banco e escrevendo alegremente sobre o cabelo ridículo dele.

Magnus foi afastado desta sombria visão privada pela visão de fato sombria que se desenrolava em seu apartamento nesse instante. Elyaas estava produzindo cada vez mais gosma, que inundava o pentagrama. O demônio cecaelia estava boiando naquilo.

— Acho que você deveria comprar para ele uma vela aromática — propôs Elyaas, com a voz cada vez mais grudenta. Acenou os tentáculos, entusiasmado, para ilustrar o argumento. — Existem muitos perfumes ótimos, como uva e laranja. E isso trará serenidade, e ele vai pensar em você quando for dormir. Todo mundo gosta de vela aromática.

— Preciso que cale a boca — disse Magnus. — Preciso pensar.

Ele se jogou no sofá. Magnus deveria ter esperado que Raphael, traidor imundo e babaca que era, tivesse contado tudo a Ragnor.

Magnus se lembrou da noite em que levou Alec ao Taki's. Normalmente iam a lugares frequentados por mundanos. Os locais famosos do Submundo, cheios de fadas, lobisomens, feiticeiros e vampiros que poderiam abrir a boca para contar aos pais dele, claramente deixavam Alec nervoso. Magnus achava que Alec não entendia o quanto o Submundo gostava de se manter longe de assuntos de Caçadores de Sombras.

O café estava cheio, e o centro das atenções era um peri e um lobisomem que estavam em uma espécie de disputa territorial. Ninguém prestou a menor atenção a Alec e Magnus, exceto Kaelie, a garçonete baixinha e loura, que sorriu quando eles entraram e que foi muito atenciosa.

— Você a conhece? — perguntou Magnus.

— Um pouco — respondeu Alec. — Ela é parte fada e gosta de Jace.

Ela não era a única que gostava de Jace, Magnus sabia. Ele próprio não entendia todo aquele frenesi. Além do fato de que Jace tinha rosto de anjo e um abdome incrível.

Magnus começou a contar a Alec uma história sobre uma boate de fadas que visitara uma vez. Alec estava rindo, e então Raphael Santiago entrou com seus seguidores vampiros mais fiéis, Lily e Elliott. Raphael viu Magnus e Alec, e ergueu as sobrancelhas.

— Não, não, não e não — disse Raphael, e deu vários passos para trás, em direção à porta. — Virem, todos. Não quero saber disso. Recuso-me a saber disso.

— Um dos Nephilim — disse Lily, menina má que era, e tamborilou na mesa com unhas azuis brilhantes. — Ora, ora.

— Oi? — disse Alec.

— Espere um instante — pediu Raphael. — Você é Alexander Lightwood?

Alec parecia mais em pânico a cada instante.

— Sou? — respondeu, como se não tivesse certeza. Magnus achou que ele estivesse considerando mudar de nome para Horace Whipplepool e fugir do país.

— Você não tem 12 anos? — Quis saber Raphael. — Eu me lembro especificamente de que você tinha 12 anos.

— Hum, isso foi há um tempo — explicou Alec.

Ele pareceu ainda mais apavorado. Magnus supunha que deveria ser perturbador ser acusado de ter 12 anos de idade por alguém que parecia um menino de 15.

O feiticeiro poderia ter achado a situação engraçada em outro contexto, mas olhou para Alec. Os ombros dele ficaram tensos.

A essa altura, Magnus já conhecia Alec bem o suficiente para saber o que ele estava sentindo, os impulsos conflitantes que guerreavam no rapaz. Ele era cismado, o tipo de pessoa que achava que todos à sua volta eram mais importantes do que ele, que acreditava estar decepcionando a todos. E era honesto, o tipo de pessoa

naturalmente aberta ao que sentia e ao que queria. As virtudes de Alec montaram uma armadilha para ele: essas duas qualidades colidiram dolorosamente. Achava que não podia ser honesto sem decepcionar a todos que amava. Era um conflito terrível para ele. Era como se o mundo tivesse sido feito para deixá-lo infeliz.

— Deixe-o em paz — disse Magnus, e alcançou a mão de Alec por cima da mesa.

Por um instante, os dedos dele relaxaram sob os de Magnus e começaram a se curvar em torno deles, segurando sua mão em retribuição. Em seguida, olhou para os vampiros e puxou a mão de volta para si.

Magnus conheceu muitos homens e mulheres ao longo dos anos que tinham medo de quem eram e do que queriam. Amou muitos deles e sofreu por todos. Ele adorou as vezes em que, no mundo mundano, as pessoas tiveram um pouco menos de medo. Adorava esse momento do mundo, quando podia se esticar e pegar a mão de Alec em um local público.

Magnus não simpatizou mais com os Caçadores de Sombras ao ver um dos guerreiros tocados pelo anjo temer algo assim. Se precisavam acreditar que eram tão melhores que todos os outros, deveriam ao menos conseguir fazer com que seus filhos se sentissem bem em relação ao que eram.

Elliott se inclinou contra o assento de Alec, balançando a cabeça de modo que os finos dreadlocks bateram no rosto do feiticeiro.

— O que seus pais pensariam? — perguntou, com um desdém solene.

Era engraçado para os vampiros. Mas não para Alec.

— Elliott — disse Magnus. — Você é chato. E eu não quero descobrir que você andou por aí contando histórias tediosas. Entendeu?

Ele brincou com a colher de chá, e faíscas azuis viajaram dos dedos para a colher e voltavam. Os olhos de Elliott disseram que Magnus não poderia matá-lo com uma colher. Os de Magnus o convidaram a testar.

Raphael perdeu a paciência, o que, na verdade, era como dizer que um deserto ficou sem água.

— *Dios*! — Irritou-se Raphael, e os outros dois vampiros se esquivaram. — Não estou interessado nos seus encontros sórdidos ou nas suas escolhas de vida constantemente desvirtuadas, e certamente não estou interessado nos assuntos dos Nephilim. Falei a verdade. Não quero saber sobre isso. E não vou saber. Isso nunca aconteceu. Não vi nada. Vamos.

Então agora Raphael tinha corrido para contar a Ragnor. Vampiros eram assim: sempre mirando a jugular, tanto no sentido literal quanto no metafórico. Estavam atrapalhando sua vida amorosa, assim como eram convidados sem consideração em suas festas, como quando entornaram sangue no aparelho de som na última festa, e transformaram o amigo idiota de Clary, Stanley, em um rato, e essas eram demonstrações de maus modos. Magnus jamais voltaria a convidar vampiros para

suas festas. Seriam lobisomens e fadas o tempo todo, mesmo que fosse um inferno ter de limpar pelos e pó de fada do sofá.

Magnus e Alec se sentaram em um breve silêncio depois que os vampiros partiram, e, em seguida, outra coisa aconteceu. A luta entre o peri e o lobisomem saiu do controle. O rosto do lobisomem mudou com seus rosnados, e o peri virou a mesa. Ouviu-se uma pancada forte.

Magnus se assustou ligeiramente com o som, e Alec entrou em ação. Levantou de um salto, segurando uma adaga com uma das mãos enquanto a outra ia para a arma em seu cinto. Ele se moveu mais depressa que qualquer outro ser presente — lobisomem, vampiro ou fada — poderia ter se mexido.

E foi automaticamente para a frente da mesa em que Magnus estava sentado, colocou o corpo entre Magnus e a ameaça sem sequer pensar no assunto. Magnus já havia visto como Alec agia com seus colegas Caçadores de Sombras, com sua irmã e seu *parabatai*, mais próximo do que um irmão. Protegia-os, dava cobertura, sempre se comportava como se as vidas deles fossem mais preciosas que a sua.

Magnus era o Alto Feiticeiro do Brooklyn e, durante séculos, teve poderes que iam além dos sonhos tanto de mundanos quanto da maioria dos integrantes do Submundo. Magnus certamente não precisava de proteção, e ninguém jamais pensou em oferecer, muito menos um Caçador de Sombras. O melhor que se podia esperar de um deles, no caso dos membros do Submundo, era ser deixado em paz. Que ele lembrasse, ninguém tentara protegê-lo desde que era muito jovem. Ele jamais quis que o fizessem, não desde quando era criança e teve de correr para a piedade fria do santuário dos Irmãos do Silêncio. Isso fora há muito tempo em um país distante, e Magnus nunca desejou voltar a ser tão fraco. No entanto, ver Alec saltando para protegê-lo fez com que sentisse uma pontada no peito, ao mesmo tempo doce e dolorosa.

E os clientes do café Taki's se esquivaram de Alec, do poder angelical revelado em uma chama súbita de fúria. Naquele momento ninguém duvidou de que ele pudesse acabar com todos.

O peri e o lobisomem se encolheram em cantos opostos do café e, em seguida, saíram apressadamente. Alec voltou para a mesa, se sentou diante de Magnus e deu um sorriso envergonhado.

Foi estranho, espantoso e terrivelmente afetuoso, como o próprio Alec.

Depois, o feiticeiro arrastou Alec para fora, pressionou-o contra a parede de tijolos do Taki's, sob a placa luminosa de cabeça para baixo, e o beijou. Os olhos azuis de Alec que arderam em fúria angelical, de repente, se tornaram suaves e escureceram de paixão. Magnus sentiu o corpo forte de Alec contra o seu e as mãos gentis de Alec deslizarem pelas suas costas. Alec retribuiu o beijo com grande entusiasmo, e Magnus pensou *isso, este aqui, este combina, depois de tantos*

tropeços e procura, aqui está.

— O que foi isso? — perguntou Alec um bom tempo depois, com os olhos brilhando.

Alec era jovem. Magnus nunca foi velho, jamais soube como o mundo reagia quando se era velho, mas também não pôde ser muito jovem por muito tempo. Ser imortal significava viver longe dessas preocupações. Todos os mortais que Magnus amou pareceram, ao mesmo tempo, mais novos e mais velhos que ele. Mas Magnus tinha plena consciência de que este era o primeiro namoro de Alec, o primeiro tudo. Foi o primeiro beijo de Alec. Magnus queria ser bom para ele, e não um fardo com o peso de sentimentos que ele talvez não pudesse retribuir.

— Nada — mentiu Magnus.

Ao pensar naquela noite no Taki's, Magnus percebeu qual seria o presente perfeito para Alec. Também percebeu que não fazia ideia de como o daria.

No único momento de sorte em um dia terrível inundado por gosma e amigos cruéis, o interfone tocou.

Magnus cruzou o recinto com três passos e vociferou pelo interfone:

— QUEM OUSA PERTURBAR O TRABALHO DO ALTO FEITICEIRO?

Fez-se uma pausa.

— Sério, se forem Testemunhas de Jeová...

— Ah, não — respondeu uma voz feminina, tranquila, confiante e com um leve e estranho sotaque de Idris. — Aqui é Isabelle Lightwood. Você se importa se eu subir?

— Nem um pouco — respondeu Magnus, e apertou o botão para que ela entrasse.

Isabelle foi direto para a máquina de café e se serviu sem perguntar se podia. Ela era esse tipo de menina, Magnus pensou, o tipo que pegava o que queria e presumia que você ficaria feliz por ela ter gostado do objeto em questão. Ao fazê-lo, ignorou Elyaas propositalmente: deu uma olhada ao entrar no apartamento e aparentemente decidiu que perguntar sobre a presença do demônio de tentáculos seria grosseiro e provavelmente tedioso.

Ela se parecia com Alec, tinha as maçãs do rosto altas, pele clara como porcelana e cabelos negros, apesar de os dela serem longos e muito bem penteados. Mas tinha

olhos diferentes, brilhantes e pretos, como ébano envernizado: ao mesmo tempo, lindos e indestrutíveis. Parecia capaz de ser tão fria quanto a mãe, como se fosse propensa à corrupção, como tantos de seus ancestrais. Magnus conheceu muitos Lightwood e não se impressionou com a maioria deles. Não até um especificamente.

Isabelle se sentou na bancada, esticando as longas pernas. Vestia jeans sob medida, botas de saltos finos e uma blusa de seda vermelho-escura que combinava com o colar de rubi no pescoço, o que Magnus havia comprado pelo preço de uma casa em Londres havia mais de cem anos. Magnus gostava de vê-la usando o colar. Era como ver a sobrinha de Will, a risonha, impertinente e fumante de charuto Anna Lightwood — uma das poucas Lightwood de quem gostara — usando-o cem anos antes. Encantava-o, fazia com que se sentisse importante para aquelas pessoas naquele período. Ficou imaginando o quão horrorizados ficariam os Lightwood se soubessem que aquele colar outrora fora um presente de amor de um feiticeiro devasso para uma vampira assassina.

Provavelmente menos horrorizados do que ficariam se soubessem que Magnus estava namorando seu filho.

Encontrou os olhos negros e ousados de Isabelle, e pensou que ela talvez não ficasse tão horrorizada com a origem do colar. Achou que ela se divertiria com isso. Talvez lhe contasse um dia.

— Então, hoje é o aniversário de Alec — anunciou Isabelle.

— Estou sabendo — respondeu Magnus.

Ele não disse mais nada. Não sabia o que Alec havia contado a Isabelle, sabia o quanto Alec a amava e queria protegê-la, não decepcioná-la, assim como não queria decepcionar nenhum deles, mas morria de medo de fazê-lo. Magnus não era muito bom com segredos e dera uma piscadela para Alec na noite em que o conheceu, quando o rapaz não era nada além de um menino incrivelmente lindo que o olhara com um interesse tímido. Porém tudo era mais complicado agora, quando sabia que Alec poderia sair magoado, quando Magnus sabia o quanto se importaria se Alec se magoasse.

— Sei que vocês dois estão... saindo — disse Isabelle, escolhendo cuidadosamente as palavras, mas olhando nos olhos de Magnus. — Não ligo. Digo, não me importo. Nem um pouco.

Ela atirou as palavras desafiadoramente a Magnus. Não havia necessidade de desafiá-lo, mas Magnus entendeu por que ela estava agindo assim, entendeu que provavelmente já ensaiara as provocações que um dia poderia ter de direcionar aos pais se defendesse o irmão.

Ela o defenderia. Então, amava o irmão.

— Bom saber — disse Magnus.

Ele sabia que Isabelle Lightwood era linda, e lhe parecia forte e engraçada —

sabia que ela era alguém com quem ele não se importaria de tomar um drinque nem de convidar para uma festa. Ele não sabia que havia camadas de lealdade e amor nela.

Não era adepto a ler corações de Caçadores de Sombras por trás das fachadas angelicalmente arrogantes. Achava que talvez fosse esse o motivo pelo qual Alec o surpreendeu tanto, lhe deu uma rasteira de modo que Magnus tropeçou nos sentimentos que não havia planejado ter. Alec não tinha fachada alguma.

Isabelle assentiu, como se estivesse entendendo o que Magnus dizia.

— Achei... Me pareceu importante dizer isso para alguém, no aniversário dele — confessou. — Não posso contar a mais ninguém, mas eu o faria. Não é como se meus pais ou a Clave fossem me ouvir. — Isabelle entortou o lábio ao falar tanto dos pais quanto da Clave. Magnus estava gostando cada vez mais dela. — Ele não pode contar a ninguém. E você não vai contar a ninguém, certo?

— Não é um segredo meu para contar — respondeu o feiticeiro.

Podia não gostar de viver escondido, mas não contaria o segredo de ninguém. E menos ainda arriscaria causar medo ou dor a Alec.

— Você gosta mesmo dele, certo? — perguntou Isabelle. — De meu irmão?

— Ah, estava falando de Alec? — respondeu Magnus. — Pensei que se referisse a meu gato.

Isabelle riu e chutou uma das portas do armário de Magnus com o salto, descuidada e radiante.

— Mas, sério — falou —, você gosta.

— Vamos conversar sobre meninos? — perguntou Magnus. — Eu não sabia e, na verdade, não estou preparado. Não pode voltar outra hora, quando eu estiver de pijama? Podemos aplicar máscaras de beleza caseiras e fazer tranças, e aí sim vou lhe dizer que seu irmão é um sonho.

Isabelle pareceu satisfeita, ainda que um pouco intrigada.

— A maioria das pessoas prefere Jace. Ou a mim — acrescentou alegremente.

O próprio Alec já havia dito isso, parecendo espantado por Magnus querer sair com ele, e não com Jace.

Magnus não planejava falar sobre por que preferia Alec. O coração tem seus próprios motivos, e quase nunca eram racionais. Seria como perguntar por que Clary não criou um triângulo hilário se interessando por Alec, considerando que ele era — na opinião obviamente parcial de Magnus — extremamente bonito e sempre ficou sorumbático perto dela, coisa que algumas garotas curtem. As pessoas gostam de quem elas gostam.

Por tudo isso, Magnus tinha muitos motivos. Os Nephilim eram reservados, arrogantes, deveriam ser evitados. Mesmo os Caçadores de Sombras que Magnus havia conhecido e de quem tinha gostado foram, todos eles, um sundae de problemas

com cerejas secretas e sombrias na cobertura.

Alec era diferente de todos os Caçadores de Sombras que Magnus já havia conhecido.

— Posso ver seu chicote? — perguntou Magnus.

Isabelle piscou, mas, verdade seja dita, não objetou. Desenrolou o chicote de electrum e enrolou a corda prata-dourada nas mãos por um instante, como uma criança brincando de cama de gato.

Magnus pegou o chicote cuidadosamente, colocou-o sobre as palmas como uma cobra, e o carregou para a porta do closet, que abriu. Pegou uma poção especial, que lhe custara uma quantia exorbitante e que vinha guardando para alguma ocasião especial. Caçadores de Sombras tinham símbolos para se protegerem. Feiticeiros tinham mágica. Magnus sempre gostou mais de sua magia que da deles. Somente Caçadores de Sombras suportavam símbolos, mas ele podia dar mágica a qualquer um. Inclinou a poção — sangue e pó de fada extraídos em um dos antigos rituais, hematita e heléboro, e mais coisas —, entornando-a sobre o chicote.

Em caso de grande perigo, esta arma não vai lhe falhar; no momento mais sombrio, está arma abaterá seu inimigo.

Magnus devolveu o chicote a Isabelle quando terminou.

— O que fez com ele? — perguntou ela.

— Dei uma pequena turbinada — respondeu o feiticeiro.

Isabelle o fitou de olhos semicerrados.

— E por que você faria isso?

— Por que veio até aqui me contar o que sabe sobre mim e Alec? — sugeriu Magnus. — É o aniversário dele. Isso significa que as pessoas que se importam com ele querem dar o que ele mais deseja. No seu caso, aceitação. No meu, sei que a coisa mais importante do mundo para ele é sua segurança.

Isabelle assentiu, e os olhares se encontraram. Magnus havia falado demais e se preocupou com a possibilidade de Isabelle enxergar demais.

Ela saltou da bancada, foi até a pequena mesa de centro de Magnus e rabiscou algo no bloco.

— Este é meu número.

— Posso perguntar por que está me dando?

— Nossa, uau, Magnus. Eu sabia que você tinha centenas de anos e tudo mais, mas tinha esperança de que estivesse atualizado com a tecnologia moderna. — Isabelle estendeu o telefone para ilustrar o argumento, e o balançou. — Para me ligar ou mandar mensagem. Se algum dia precisar da ajuda de Caçadores de Sombras.

— Se eu precisar da ajuda de Caçadores de Sombras? — perguntou Magnus, incrédulo. — Ao longo dos... você tem razão, centenas de anos... permita-me dizer que constatei justamente o contrário. Presumo que vá querer meu número em troca e

também aposto que, baseando-me em nada além de um breve contato com seu círculo de amigos, vocês vão se meter em problemas e precisar muito da minha assistência mágica.

— Sim, talvez — disse Isabelle, com um sorriso libertino. — Tenho fama de encrenqueira. Mas não dei meu telefone por querer ajuda mágica, e, tudo bem, entendo que o Alto Feiticeiro do Brooklyn provavelmente não precisa de ajuda de um bando de Caçadores de Sombras menores de idade. Estava pensando que, se você vai ser importante para meu irmão, deveríamos ter o contato um do outro. E achei que você quisesse o meu se... se precisar falar comigo sobre Alec. Ou se eu precisar falar com você.

Magnus entendeu o que a garota queria dizer. O número dele podia ser facilmente obtido — o Instituto o tinha —, mas ao dar a ele o seu, Isabelle estava oferecendo a troca livre de informações sobre a segurança de Alec. Os Nephilim tinham vidas perigosas, perseguindo demônios, percorrendo o Submundo à procura de transgressões, seus corpos Marcados e de velocidade angelical eram a última linha de defesa do mundo mundano. Na segunda vez em que Magnus viu Alec, ele estava morrendo por causa de veneno de demônio.

Alec poderia morrer a qualquer instante, em qualquer uma das futuras batalhas. Isabelle era a única Caçadora de Sombras que sabia com certeza que havia algo entre Magnus e ele. Era a única que sabia que, se Alec morresse, Magnus era alguém que deveria ser informado.

— Tudo bem — disse ele lentamente. — Obrigado, Isabelle.

Isabelle deu uma piscadela.

— Não precisa agradecer. Em pouco tempo vou enlouquecê-lo.

— É o que espero — falou Magnus, enquanto ela estalava os saltos altos e armados. Ele admirava qualquer um que unisse beleza à praticidade.

— A propósito, aquele demônio está pingando gosma por todo o seu chão — comentou Isabelle, esticando a cabeça pela porta.

— Oi — disse Elyaas, e acenou o tentáculo para ela.

Isabelle o olhou com desdém; em seguida, ergueu uma sobrancelha na direção de Magnus.

— Só achei que devesse ressaltar — falou, e fechou a porta.

— Não enteeeendo o objetivo de seu presente — disse Elyaas. — Ele nem vai ficar sabendo? Deveria ter mandado flores. Rosassss vermelhas são muito românticas. Ou talvez tulipas se você achar que rosas indicam que só quer transarrrr com ele.

Magnus deitou no sofá dourado e contemplou o teto. O sol estava baixo no céu, uma pincelada de tinta dourada desenhada com descuido sobre o céu de Nova York. A forma do demônio foi se tornando cada vez mais gelatinosa à medida que o dia passava, até que não passasse de uma pilha de gosma. Era possível que Caroline Connor nunca voltasse. Era possível que Elyaas fosse morar com Magnus agora. Magnus sempre achou que Raphael Santiago fosse o pior colega de apartamento possível. Era possível que descobrisse que não.

Desejou, com um desejo tão profundo que o surpreendeu, que Alec estivesse aqui.

Magnus se lembrou de uma cidade no Peru cujo nome Quechua significava "local sossegado". Lembrava-se de modo ainda mais vivo de estar absurdamente embriagado e infeliz com sua decepção amorosa da vez, e dos pensamentos sentimentais que teve ao longo dos anos, como um convidado indesejado passando por suas portas: não havia paz para ninguém como ele, nenhum local sossegado, e jamais haveria.

Exceto que ele se flagrou lembrando de estar deitado na cama com Alec — totalmente vestidos, esticados em uma tarde de preguiça, Alec ria, com a cabeça jogada para trás, as marcas que Magnus havia deixado em seu pescoço totalmente visíveis.

O tempo era algo que se movia em ciclos para o feiticeiro, dissipando-se como a bruma ou se arrastando como correntes, mas, quando Alec estava aqui, o tempo de Magnus parecia encontrar um ritmo fácil com o dele, como dois corações que sincronizavam as batidas. Sentia-se ancorado por Alec e ficava inquieto e revoltado quando o outro não estava presente, pois sabia o quanto seria diferente quando Alec *estivesse* aqui, como o mundo tumultuoso iria se aquietar com a voz do rapaz.

Foi parte da dicotomia de Alec que pegou Magnus de surpresa e o deixou fascinado — o fato de que o rapaz parecia velho para a idade que tinha, sério e responsável, e, no entanto, abordar o mundo com um encanto suave que tornava novas todas as coisas. Alec era um guerreiro que trazia paz a Magnus.

Magnus se deitou no sofá e admitiu para si. Sabia por que estava agindo como um louco e chateando os amigos por causa de um presente de aniversário. Sabia por que, em um dia normal e desagradável de trabalho, todos os seus pensamentos foram pontuados por Alec, por um desejo insistente de vê-lo. Isso era amor, novo, alegre e assustador.

Ele já enfrentara centenas de decepções amorosas, mas se flagrou temeroso com a possibilidade de Alexander Lightwood partir seu coração. Não sabia como aquele menino de cabelos negros desgrenhados e olhos azuis preocupados, com mãos firmes e um raro sorriso doce que era menos raro na presença de Magnus, tinha adquirido tanto poder sobre ele. Alec nunca tentou ter poder, jamais pareceu perceber que o

tinha ou tentou fazer algo com ele.

Talvez não quisesse. Talvez Magnus estivesse sendo tolo, como tantas vezes. Ele era a primeira experiência de Alec, não era um namorado. O rapaz ainda estava curando a primeira paixonite, pelo melhor amigo, e Magnus era uma experiência cautelosa, um passo distante da segurança que o dourado e adorado Jace representava. Jace, que parecia um anjo: Jace, que, como um anjo, como o próprio Deus, jamais retribuiria o amor de Alec.

Magnus talvez fosse uma experiência selvagem, uma rebelião de um dos filhos mais cautelosos de Idris antes de Alec voltar para o segredo, a circunspecção. Magnus pensou em Camille, que nunca o levou a sério, que nunca o amou. Qual a probabilidade de um Caçador de Sombras se sentir assim?

Seus pensamentos sombrios foram interrompidos pelo som do interfone.

Caroline Connor não ofereceu qualquer explicação para o atraso. Inclusive, passou por Magnus como se ele fosse o porteiro, e imediatamente começou a explicar o problema para o demônio.

— Faço parte das Empresas Pandemônio que atende a uma parte da subseção da classe A.

— Aqueles que utilizaram dinheiro e influência para comprar conhecimentos sobre o Mundo das Sombras — disse Magnus. — Estou ciente da sua organização. Já existe há muito tempo.

A Srta. Connor inclinou a cabeça.

— Minha área em particular provê entretenimento para nossos clientes em ambientes náuticos. Embora haja outros cruzeiros no porto de Nova York, oferecemos aos clientes uma refeição gourmet servida em um iate com vista das criaturas mais mágicas da cidade, fadas, sereias e muitos espíritos aquáticos. Criamos uma experiência bastante exclusiva.

— Quanta classe — gorgolejou Elyaas.

— Contudo, não queremos que seja uma experiência exclusiva na qual sereias arrastam clientes abastados para o fundo do rio — disse a Srta. Connor. — Infelizmente algumas sereias não gostam de ser encaradas, e isso vem ocorrendo. Simplesmente quero que use seus poderes infernais para eliminar essa ameaça ao crescimento econômico de minha empresa.

— Espere um segundo. Você quer *amaldiçoar* as *sereias?* — Quis saber Magnus.

— Posso amaldiçoar algumas sereias — disse Elyaas. — Claro.

Magnus o encarou.

Elyaas deu de ombros com os tentáculos.

— Sou um demônio — disse ele. — Amaldiçoo uma sereia. Amaldiçoo um cocker spaniel. Não me importo com *nada*.

— Não posso acreditar que passei o dia inteiro vendo gosma à toa. Se tivesse me

falado que seu problema era com sereias irritadas, eu poderia ter resolvido sem invocar demônios para amaldiçoá-las — disse Magnus. — Tenho muitos contatos na comunidade das sereias, e, se isso falhar, sempre há os Caçadores de Sombras.

— Ah, sim. Magnus está namorando um Caçador de Sombras — acrescentou Elyaas.

— Essa é uma informação pessoal, e agradeceria se não a repetisse — pediu Magnus. — E não estamos namorando oficialmente!

— Minha ordem foi para a invocação de um demônio. — A Srta. Connor explicou friamente. — Mas, se pode resolver o problema com mais eficiência, feiticeiro, eu aceito. Preferiria não amaldiçoar as sereias; os clientes gostam de olhar para elas. Talvez alguma recompensa monetária possa ser providenciada. Precisamos reajustar seu contrato, feiticeiro, ou os mesmos termos estão bons para você?

Magnus se sentiu relativamente tentado a pedir um aumento, mas já estava cobrando uma quantia satisfatoriamente absurda e queria evitar que uma maldição se abatesse sobre as sereias de Nova York. Isso soava como algo que pudesse se complicar muito, e muito rápido.

Concordou em assinar o contrato revisado, ele e a Srta. Connor apertaram as mãos, e ela saiu. Magnus torceu para que jamais precisasse voltar a vê-la. Mais um dia, mais um tostão (bem, um belo tostão; as habilidades especiais de Magnus não saíam baratas).

Elyaas parecia um tanto insatisfeito por lhe ter sido negada a oportunidade de causar o caos na cidade de Magnus.

— Obrigado por ser totalmente inútil durante todo o dia — disse Magnus.

— Boa sorte com um dos escolhidos do Anjo, filho do demônio — disse Elyaas, com a voz subitamente mais afiada e menos gosmenta. — Acha que algum dia ele vai fazer alguma coisa além de desprezá-lo, no fundo do coração? Ele sabe qual é seu lugar. Todos nós sabemos. Seu pai o terá no fim. Um dia, sua vida aqui parecerá um sonho, como uma brincadeira boba de criança. Um dia, o Grande Sombrio virá e vai arrastá-lo cada vez maissss, conossssco...

Sua voz sibilante esvaiu-se em um grito enquanto as chamas da vela subiam mais, até tocarem o teto. Então ele desapareceu, seu último grito pairando pelo ar.

— Devia ter comprado uma vela aromática...

Magnus então foi abrir todas as janelas do apartamento. O cheiro remanescente de enxofre e gosma mal tinha começado a se dissipar quando o telefone em seu bolso começou a tocar. Magnus o pegou, com dificuldade — estava usando calças muito justas, pois sentia a responsabilidade de ser lindo, mas isso significava que sobrava pouco espaço na região do bolso —, e seu coração parou ao ver quem estava ligando.

— Oi — disse Alec, quando Magnus atendeu, com a voz rouca e tímida.

— Por que ligou? — perguntou Magnus, invadido por um medo súbito de que seu presente de aniversário tivesse sido descoberto de algum modo, e os Lightwood estivessem mandando Alec para Idris por causa de feitiços lançados em chicotes por feiticeiros negligentes que o rapaz não sabia explicar.

— Hum, posso ligar outra hora — disse Alec, e pareceu preocupado. — Tenho certeza de que você tem coisas melhores a fazer...

Não falou do jeito que alguns dos antigos amantes de Magnus teriam falado, em tom de acusação, ou pedindo que ele os tranquilizasse. Falou de forma um tanto natural, como se aceitasse que o mundo era assim e que ele não era prioridade para ninguém. Isso fez com que Magnus quisesse tranquilizá-lo dez vezes mais do que faria caso fosse o que Alec esperasse.

— Claro que não, Alexander — falou. — Só fiquei surpreso em ter notícias suas. Achei que estivesse com sua família no grande dia.

— Ah — respondeu Alec, e soou tímido e satisfeito. — Não achei que fosse lembrar.

— Acho que passou pela minha cabeça uma ou duas vezes ao longo do dia — disse Magnus. — Então, está se divertindo muito com os Nephilim? Alguém deu um machado gigante em um bolo? Onde está, saiu para comemorar?

— Hum — disse Alec. — Estou meio que... na frente do seu apartamento?

O interfone tocou. Magnus apertou o botão para deixá-lo entrar, sem falar por um instante, pois quis tanto que Alec estivesse ali, e ali ele estava. Pareceu mais mágico que qualquer coisa que ele pudesse fazer.

Então Alec apareceu e ficou parado na entrada.

— Queria vê-lo — disse Alec, com uma simplicidade arrasadora. — Tudo bem? Posso sair se estiver ocupado.

Devia estar chovendo lá fora. Havia gotas brilhantes de chuva no cabelo bagunçado de Alec. Ele usava um casaco com capuz que, na opinião de Magnus, parecia ter sido encontrado no lixo, jeans surrados e o rosto todo iluminado só porque estava olhando para ele.

— Acho — disse Magnus, puxando Alec pelas cordas daquele casaco cinza horroroso — que posso ser convencido a desmarcar tudo.

Então Alec o beijou, e os beijos de Alec eram desinibidos e extremamente sinceros, todo o corpo esguio de guerreiro concentrado no que ele queria, e todo o coração concentrado naquilo também. Por um longo instante selvagem e eufórico, Magnus acreditou que Alec não quisesse nada mais que sua companhia, e que não se separariam. Pelo menos, não por muito, muito tempo.

— Feliz aniversário, Alexander — murmurou Magnus.

— Obrigado por lembrar — sussurrou Alec.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Metadados - As crônicas de Bane- o que comprar para o caçador de sombras que já tem tudo (mas que você não esta namorando oficialmente)

Site da autora
http://www.cassandraclare.com/

Wikipedia da autora
http://pt.wikipedia.org/wiki/Cassandra_Clare

Tublr da autora
http://cassandraclare.tumblr.com/

Facebook da autora
https://www.facebook.com/Cassandraclare

Good reads da autora
http://www.goodreads.com/author/show/150038.
Cassandra_Clare

Twitter da autora
https://twitter.com/cassieclare

Site da autora
http://sarahreesbrennan.com/

Wikipedia da autora
http://en.wikipedia.org/wiki/Sarah_Rees_Brennan

Good reads da autora
http://www.goodreads.com/author/show/836009.
Sarah_Rees_Brennan

Tublr da autora
http://sarahreesbrennan.tumblr.com/

Capa

Rosto

Créditos

O que comprar para o Caçador de Sombrar que já tem tudo (mas que você não está namorando oficialmente)

Colofão

Saiba mais